



Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

1º Semestre 2024

Ciclo I – Renata Kotscho Paranhos Velloso

Ciclo II – Roberta Aquino Maia Smarrito

Ciclo III – Lureen Aimee Asei

Ciclo IV – Isabel Cristina Franchon do Prado

Ciclo V – Vera Lucia Lopes da Silva Ferraz

Ciclo VI – Giovanna Ghiurghi

Índice

Ciclo I

Renata Kotscho Paranhos Velloso

A função do humor na vida cotidiana e na análise 03

Ciclo II

Roberta Aquino Maia Smarrito

Ponto Cego 08

Ciclo III

Lureen Aimee Asei

A coisa em si e não o mito..... 16

Ciclo IV

Isabel Cristina Franchon do Prado

Histeria 24

Ciclo V

Vera Lucia Lopes da Silva Ferraz

Sonhos: da premonição à realidade 30

Ciclo VI

Giovanna Ghiurghi

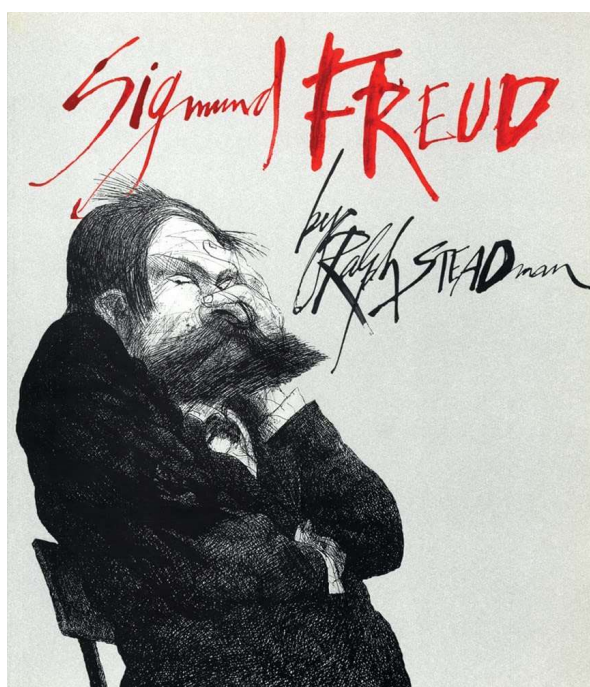
Reflexões sobre mania, neoliberalismo e um caso clínico 37

1º Semestre 2024

Ciclo I

Nome: Renata Kotscho Paranhos Velloso

Título: A função do humor na vida cotidiana e na análise



Quando pensamos na imagem e nos trabalhos de Freud, raramente associamos o humor. Está ali uma figura sisuda, grave, com seu charuto na mão. Por isso, inicio o meu trabalho propondo trocar essa imagem clássica por uma mais divertida do nosso querido fundador da psicanálise: a capa da biografia escrita por Ralph Steadman que conta a história de Freud de maneira artística e heterodoxa.

Nossa professora Lucia Valladares, que contou a história do Freud na primeira aula do curso, recomendou que deveríamos escolher uma biografia do Freud para ler. Afinal, argumentou ela com toda a razão, para a gente entender a criação de Freud precisamos saber um pouco mais sobre a vida e o contexto histórico em que sua obra foi escrita.

Eu escolhi essa biografia porque na orelha o autor colocou seu “desejo de romper as camadas de pretensão acadêmica e pompa na qual os trabalhos de Freud são tradicionalmente

apresentados; um desejo de mostrar um Freud real, um homem que ri, ama, duvida de si mesmo e sofre.”

A verdade é que apesar da imagem de sério, difícil (e muitas vezes, tarado), o próprio Freud sabia da importância do humor, tanto é que dedicou um livro inteiro sobre o assunto.

Menos conhecido do que “A interpretação dos sonhos”, o livro “Chistes e sua relação com o inconsciente”, de 1905, fala como a piada, da mesma forma que os sonhos, pode ser uma janela interessante para chegarmos às verdades escondidas no nosso inconsciente. Afinal, já diz o ditado “toda brincadeira tem um fundo de verdade”

Aproveitando, vamos voltar um pouco atrás na minha própria biografia pra gente tentar entender o contexto do presente trabalho.

Decidi fazer análise pela primeira vez recentemente, durante a pandemia, logo depois de tomar um pé na bunda épico. Meu objetivo era encontrar respostas para duas perguntas: 1. Por que eu sou tão obcecada por uma pessoa em quem as minhas amigas não vem nada de mais (pra ser boazinha, já que o tratam pela pouca carinhosa alcunha “Voldemort”)? 2. Por que ele não é obcecado por mim (eu sim, bonita, gostosa, inteligente, engraçada, carinhosa, salve, salve. Ainda cozinheiro, lavo, passo, bordo...enfim, perfeita)?

Depois das primeiras entrevistas iniciais, meu processo de análise parecia uma sessão de stand-up. Eu fantasiava ser, claro, a paciente preferida da minha analista. No meio de tanta gente chata, louca, depressiva ou todas as anteriores, chegou a engraçadinha. Coitada, ainda bem que é paga pra isso.

Recapitulando, desisti de encontrar respostas para a minha segunda pergunta (eu teria que perguntar diretamente ao dito cujo e/ou para a terapeuta dele, e já chega de humilhação) e resolvi focar na primeira: entre tanta coisa melhor para desejar, por que eu desejo o que eu desejo?

Mas será que entre uma piada e outra a gente consegue insights sobre o que está por trás do nosso desejo? Do nosso inconsciente?

Freud acreditava que sim. Se os sonhos são realizações de desejos, os chistes, que são construídos a partir dos mesmos mecanismos de condensação e deslocamento, não teriam a mesma função?

Freud argumenta que os chistes, assim como os sonhos, são expressões de impulsos reprimidos, e que eles oferecem satisfação através de mecanismos de economia de energia psíquica e de obtenção de prazer. Para Freud, o riso provocado por um chiste resulta da liberação súbita de energia que estava sendo usada para reprimir um pensamento ou sentimento.

A obra também discute as técnicas que os chistes operam para produzir o efeito cômico. Freud cita, por exemplo: "Os chistes não são julgados pela sua moral, mas pelo seu valor estético". Esta frase encapsula a ideia de que os chistes servem a propósitos além da simples comédia, atuando como janelas para os desejos e conflitos ocultos no inconsciente humano.

Vamos começar pelo significado da palavra, "chiste" é uma tradução do alemão "witz".

"Witz" por si só é uma palavra interessante. Em um idioma famoso por seus palavrões compridos e quase impronunciáveis, "witz" é uma palavra curtinha, fácil de falar e cuja sonoridade dá até a dica do seu significado: é uma "tirada" rápida, espirituosa, que resume de forma cômica uma situação muitas vezes trágica.

No inglês "witz" foi traduzido para "joke", o que talvez amplie demais o seu significado. Chiste não é qualquer piada ou coisa engraçada: ele carrega em si um insight, um jogo de palavras, que pode ser mais ou menos sofisticado, mas que assim como os sonhos traz um estranhamento em relação aos fatos "reais" que o criaram.

No português, as traduções optaram por usar o "chiste", uma palavra que vem do espanhol (onde tem praticamente o mesmo significado de "joke" em inglês) mas que, por ser pouco usada na nossa língua, acaba tendo um significado mais restrito à psicanálise. Gosto muito dessa escolha da tradução: até por guardar a relação sonora com "witz", "chiste" também dá uma ideia de rapidez, sagacidade.

O chiste poderia ser inclusive um ato falho se não fosse intencional, e acredito que muitas piadas nasceram de atos falhos usados posteriormente de propósito, com o objetivo de produzir riso. Mas, como o próprio Freud iria escrever posteriormente, em seu texto de 1927 - "O humor" - um artigo curto que ele escreveu em apenas 5 dias - , a graça tem uma função para além de ser uma janela para o inconsciente. Ela tem também uma função terapêutica.

No artigo, Freud estava muito interessado em como a mente humana lida com situações difíceis e dolorosas, e nesse texto, ele observa o humor como uma dessas estratégias.

Por exemplo, imagine que você tenha tomado um pé na bunda épico; ao chegar em casa, no lugar de ficar remoendo o ocorrido, você faz uma piada sobre a situação. Isso de certa forma te alivia, certo? Bem, Freud sugeria algo semelhante. Ele via o humor como uma maneira da a

mente se distanciar ou se "elevar" acima do sofrimento ou do desprazer, transformando algo negativo em algo mais leve e até prazeroso.

Esse é o aspecto terapêutico do humor que Freud discute. Em outras palavras, o humor é uma defesa contra o sofrimento, permitindo que nos distanciemos e tenhamos uma perspectiva diferente sobre as coisas.

Freud também sugere que o humor é uma forma de o ego mostrar sua resiliência, ao demonstrar que pode encarar a realidade sem ser derrubado por ela. O humor é (como talvez tenha ficado claro pela minha autodescrição anterior) o triunfo do narcisismo, uma vez que ele demonstra uma certa invulnerabilidade do ego ao sofrimento.

Com o humor, os traumas passam a ser fonte de prazer, sendo a vitória do princípio do prazer contra a possibilidade de dor. O humor poupa e transforma o afeto, uma vez que ele não é resignado e sim rebelde.

Eu gosto muito da definição do humorista Ricardo Araújo Pereira em seu livro "A doença, o sofrimento e a morte entram num bar" - uma espécie de manual da escrita humorística: "O humor pode ser, então, uma estratégia para reagir ao sofrimento. Uma espécie de mau perder que leva o humorista não a adaptar-se ao mundo, mas a afeiçoá-lo a si - mesmo que, para isso, tenha de dobrá-lo, torcê-lo, virá-lo do avesso. Essa ação opera sobre as coisas uma mudança que, embora extraordinariamente radical, é apenas aparente - e, portanto, inútil. É uma atitude de valor equivalente à da criança que, depois de levar uma palmada, diz, de lágrimas nos olhos: 'Não doeu'. No fundo é sobretudo a concessão de uma derrota. Portanto, admito que não seja muito. Na verdade, é quase nada. Mas é o que há".

Voltando à minha biografia pessoal, eu não nasci assim. Já fui uma moça bem séria. Minha "virada" de chave aconteceu durante um plantão especialmente ruim, quando eu estava no estágio de obstetrícia na faculdade de medicina. Naquele plantão, eu não só não consegui dormir como tive que trocar de roupa duas vezes, primeiro depois de tomar banho de mecônio (nome técnico para líquido placentário misturado com cocô de recém-nascido) e logo depois, cheirosa e de cabelo recém-lavado, ganhar outro banho, dessa segunda vez de vômito de uma gestante em trabalho de parto. Foi nessa hora que eu percebi que ninguém pode ser tão pé-frio e que, se espectadores estivessem acompanhando a minha saga naquela noite, eles estariam rindo e não chorando a minha desgraça. Assim me senti menos "coitadinha" e portanto, aliviada.

Dessa maneira, acredito que a busca pelo riso possa ter duas funções importantíssimas tanto no nosso cotidiano quanto na clínica psicanalítica. A primeira, através de um processo de condensação e deslocamento, rompe as censuras tanto sociais quanto do nosso inconsciente. Falamos em forma de piada e brincadeira coisas que seriam malvistas ou até proibidas (em regimes menos democráticos) de serem ditas a sério.

Assim, o humor tapeia a nossa censura interna da mesma maneira que tapeia o censor.

A segunda função é o alívio das nossas dores e traumas. O brasileiro me parece um povo especialmente criativo nessa função, uma vez que rapidamente fazemos piadas de situações trágicas que nos causam grande comoção. Muitos podem ver essa característica como sinal de desrespeito; eu vejo como sinal de saúde.

Referências

STEADMAN, Ralph. Sigmund Freud, 1979, Paddington Press

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente [1905]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. VIII.

FREUD, Sigmund. O humor [1927]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXI.

ARAUJO PEREIRA, Ricardo. A doença, o sofrimento e a morte entram num bar. Uma espécie de manual de escrita humorística. 2016. Edições Tinta da China

1º Semestre 2024

Ciclo II

Nome: Roberta Aquino Maia Smarrito

Título: Ponto Cego

A artista sentada em uma cadeira de madeira, simples, sem apoio de braços.

Na sua frente uma outra cadeira igual, vazia, esperando por alguém.

Ali ela ficaria por sete horas seguidas do dia, completamente imóvel, seis dias da semana essa cena se repetiria durante aproximadamente 3 meses. Seu figurino mudava para dias de totalmente branco (pureza), totalmente azul (calma) ou totalmente vermelho (energia). O local era nada menos que o Museu MOMA na cidade de Nova York, e as regras eram simples: Os visitantes eram convidados a sentar-se diante dela, e contemplar aquele momento, durante pouco tempo ou o tempo que sentisse vontade, desde que sustentasse o contato visual com a artista durante todo esse momento. Uma das condições era de que não se poderia tocarna artista, muito menos falar absolutamente coisa alguma. A artista ali totalmente imóvel, e a arte acontecendo. Escuta, conexão, sentimento, e sobretudo PRESENÇA.

A cena descrita foi da grandiosa exposição de Marina Abramovic, artista formada pela Academia de Belas Artes da Sérvia e da Croácia, que revolucionou o campo artístico ao explorar as expressões do corpo e da mente a partir de provocações nos limites da liberdade e da razão. O ano era 2010, e essa performance durou 736 horas, e contabilizou em torno de 1500 pessoas que se dispuseram a sentir essa experiência. A exposição ocupou todos os seis andares do museu e contou com 50 obras para a retrospectiva, dos 40 anos na época, da carreira da artista. Foi realmente um acontecimento impactante, gerando muitas reflexões no meio artístico, uma performance sobretudo que falava sobre A VIDA.

MAS A ARTE FALA DA VIDA?

OU A ARTE DEVERIA SER A VIDA ?

Tratava-se de um projeto artístico que visava levar a arte à vida a seus extremos. Cada performance de Marina Abramovic implica a uma experiência da vida que pede continência e elaboração; um campo de interrogações que possivelmente não serão compreendidas ou sequer percebidas pelo grande público. E de fato, manifestando que nos séculos anteriores havia sido omitido, negado, reprimido ou sublimado, muitas manifestações contemporâneas ainda em nossos dias costumam gerar no público um intenso mal estar.

A participação ativa dos espectadores os colocava como a verdadeira arte a ser apresentada, era impossível não ser afetado de alguma maneira, Marina vai muito além do que se vê, e para compreendê-la é necessária uma desconstrução particular para a percepção do todo. Muitos ficaram apenas um minuto ou dois, e alguns chegaram a ficar por horas e horas, alguns casos curiosos chamaram bastante atenção, como o de um homem que se sentou 21 vezes, sendo que a primeira vez permaneceu por sete horas seguidas em sua cadeira.

Teve também um outro que foi por vários dias, porém sempre ao chegar sua vez deixava a pessoa que estava atrás passar a sua frente, e assim nunca se sentou com ela. Muitos famosos passaram por lá, atrizes e cantores, e quase todos que se sentaram se comoveram profundamente, lágrimas, sorrisos, e sentimentos intensos transbordaram. Marina comentou em uma entrevista ao final da temporada que podia ver e sentir a dor de muitos que estavam sentados, seria a dor do outro ? ou a sua própria refletida? O outro como espelho? Um registro imaginário ?

Memórias, regressões, tudo pode ser muito catártico, uma experiência onde vamos sondar nossas fantasias e pesadelos, por isso é necessário uma pré disposição em enfrentar nossos temores e demônios internos.

Sartre (filósofo existencialista do séc XX) possui uma teoria fenomenológica que está no livro "O Imaginário" em 1940, que inspirou bastante Lacan em suas teorias. O que ele argumenta, é que para que uma consciência possa imaginar, é necessário ela escapar do mundo, é necessário uma posição de distanciamento com o mundo para se poder ser mais livre e não se submeter ao determinismo das coisas.

Lacan em seu texto "O Estádio do Espelho como formador da função do EU", desenvolve um conceito que surgiu na verdade por Henri Wallon, psicólogo francês que pretendia designar um momento do desenvolvimento humano que acontece por volta dos seis meses de idade, e que se tornou largamente conhecido através de Lacan, que o desenvolveu e extraiu consequências de ordem psicológicas, estruturais para a construção do psiquismo humano, que vão de encontro do que a psicanálise descobre a partir da sua clínica.

O Estágio do Espelho na verdade é uma identificação (mecanismo psíquico descoberto pela psicanálise), ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem, processo validado pela confirmação vinda do adulto (outro). Para Lacan, a matriz do EU é formada nessa fase (o que será o EGO futuramente).

Seu entendimento é que no início nos relacionamos com o EU como se fosse um "Outro". Quando a criança se vê no espelho, ela ainda não se percebe integrada, uma, como ela vê a imagem no espelho, por isso que ele fala de identificação. Na verdade, o bebê vai tomar aquela imagem para si, como uma antecipação, pois na realidade não é como ele verdadeiramente se sente.

O espelho do olhar do outro. Esse sim é o mais importante e significativo.

Logo, para Lacan, passamos uma vida inteira nesse descompasso entre o comonós percebemos que nós somos e como achamos que deveríamos ser. Tudo começa neste "Estádio do Espelho".

Estaríamos nós à procura desse olhar do outro por toda uma vida? Estaríamos ainda totalmente fragmentados à procura de um equilíbrio entre nosso EU real com nosso EU ideal? Esse jogo especular no início da vida da criança segue sim por uma vida inteira subjetivamente. Ao ficarmos presos, apegados a uma imagem ideal de nós mesmos, não se é possível reconhecer a nossa verdade.

Marina Abramovic em seu depoimento diz que assim como Van Gogh, pôde visualizar as moléculas de energia que as pessoas eram capazes de transmitir, e assim entender totalmente a comunicação entre elas sem a utilização de uma palavra sequer, na verdade um trabalho de escuta muito sensível..

A artista estava ali inteira para seu espectador. Sentiu muitas dores de coluna e nos braços, fruto de tantas horas na mesma posição imóvel, segundo Abramovic a dor faz parte de todas as suas performances, e o importante era respeitar a regra máxima, na qual não poderia se mexer, e deveria aguentar firme todo seu incômodo e desconforto.

O almejado pela artista era a expansão da Vida, uma união de corpo e mente. Marina sempre levou seu corpo para além dos limites do medo, da dor, da exaustão, do perigo, sempre em busca da transformação emocional de si e dos outros.

Minha maior reflexão é como seria essa exposição nos dias atuais, como seria o comportamento do público? Será que teríamos um público participativo de 1500 pessoas?

Me arrisco a dizer que não sustentaria quase nada ou nada, nem o olhar etampouco a contemplação.

Talvez o tempo máximo seria o de fazer um post nas redes sociais. Contemplar? oque seria isso?

Nós, nativos digitais, não possuímos conhecimento ou resiliência para tal.

Vivemos na cultura mais narcísica de todos os tempos, e em um esvaziamento constante de nossa subjetividade. O desafio de que tudo precisa vir com entretenimento impera, agregar valor, e tornar divertido TUDO para que se consiga reter a atenção por uns minutos a mais nos coloca em um lugar triste de se observar preocupante. Nossa presença corporal na realidade é infinitamente mais sem graça perto da vida midiática cheia de efeitos, filtros e etc. A necessidade não só de existir nesse lugar, (virtual) mas a de emitir (conteúdo), chega a ser caricata.

A contemplação na antiguidade grega, e a ociosidade eram vistas como sinal absoluto de força e plenitude. - Aristóteles-

Mas, o capitalismo conseguiu esvaziar e desvalorizar o lugar do ócio, tudo é imediatamente transformado em negócio, e nos habituamos tanto à ocupação que não sabemos mais distinguir quando o trabalho termina e começa. Hoje o ser humano não consegue se ocupar de si mesmo, e acaba se alimentando de fluxos midiáticos que estão sempre ali disponíveis a um só click, o que adocece uma sociedade inteira por uma forte inquietação motora.

"O celular é o novo TERÇO, para que se consiga suportar a vida.

Olhando ao experimento de Abramovic, penso logo em disponibilidade, presença e atenção, e me pergunto: Nos dias de hoje o que seria a atenção?

Certamente, algo muito raro e difícil, a ponto de nos questionarmos se corre o risco dela desaparecer de vez.

Uma sociedade de desatentos. Quem consegue descansar sem nenhum estímulo? o próprio descanso perdeu seu real significado, descansar hoje sem estar sendo hiper estimulado não existe.

O Narcisismo na psicanálise, é uma passagem obrigatória do desenvolvimento para a formação do sujeito. Nesse momento é que se encontra todas as patologias do contemporâneo, esse ideal de completude é essencial para ser saudável. Quando a pessoa se vê quebrada, existiu algo errado que aconteceu nessa fase, seja no narcisismo primário, que é constitutivo do sujeito, e provavelmente esse terá problemas em investimentos libidinais no próprio EU, ou no secundário, onde podemos citar o amor próprio, auto estima, vaidades, caprichos.

Nossa cultura do Narcisismo, essa espécie de inflexão do mundo moderno que nasceu lá no séc XVI e XVII e veio no seu desenvolvimento natural, nos mostra um alerta quando chegamos no séc XX, algo aconteceu que acelerou de uma maneira tal que nos levou para um outro lugar na modernidade no seu apogeu com características hipertrofiadas.

No livro, "A Cultura do Narcisismo" de Christopher Lasch, 1979, o autor consegue traçar uma fotografia para falar da passagem do mundo moderno para esse mundo pós moderno, ou hiper moderno que vivemos, de uma maneira simples que tangibiliza esse processo que é mundial e tão complexo. Uma fotografia que conta a seguinte história:

Lá pelos anos 60 os jovens norte americanos eram muito engajados, ativos, otimistas, em 68, 69 podíamos ver uma efervescência de um jovem que queria transformar o mundo, mas em apenas 2 anos, esse mesmo jovem, se encontrava triste e pessimista. Lash conta essa história que nos ajuda muito a entender os jovens contemporâneos. Os jovens dos anos 60 era alguém nascido aproximadamente no final da segunda guerra, uma geração pós guerra, esses jovens cresceram em um mundo otimista, afinal, naquele momento basicamente tínhamos um mundo onde a democracia havia vencido, onde a industrialização havia crescido, esses jovens chegam nos anos 60 acreditando em poder mudar o mundo, a música mudaria o mundo, a poesia mudaria o mundo, o otimismo imperava.

Em 1970 os jovens não estavam entendendo nada, estavam perdidos, confusos, então esse jovem desiste do macro e resolve se recolher, a cuidar apenas de si. Segundo Lash, aí nesse momento estaria o nascimento de uma cultura do Narcisismo. Uma cultura de uma DEFESA NARCÍSICA diante de um mundo traumático e excessivo. Onde eu me fecho porque eu não dou conta de um mundo perigoso, de um mundo que não me protege, que de alguma forma está fora do meu alcance, e então eu desisto da polis, eu desisto do mundo, e vou cuidar somente daquilo que eu acho que posso alcançar.

Logo, uma cultura do Narcisismo nascida nos anos 70 no mundo inteiro, significava uma DEFESA a um mundo excessivo, violento e diante desse mundo eu preciso defender a mim e os meus, e assim eu me fecho.

Nosso paradoxo significa exatamente a dimensão na qual temos acesso a tanta coisa e a dificuldade em selecionar o que importa e o que não importa. Essa presença constante da informação, da luminosidade, da conectividade, impede a falta, impede o VAZIO, dificulta a compreensão da castração simbólica, afinal eu não fico nunca no vazio, me mantenho nesse estado de continuidade infinita, um ponto de risco, onde os especialistas tanto falam que o excesso de presença das redes dificulta o processo de subjetivação do sujeito, dificulta o

processo de Édipo, porque a falta não se instaura, a solidão e frustração não se instauram. Há uma presença constante de objetos que não me permitem vivenciar espera, tolerância, presença, frustração.

Para a arte, o NADA não é a ausência de todas as coisas, mas a abertura ao desconhecido que engendra nela e no outro (em nós) uma percepção aumentada.

Quando penso em como seria esse experimento artístico nos dias de hoje, lembro logo que a intensidade é uma característica constante, o que transforma o processo mental adaptativo em patológico. Crises crônicas acontecem conosco diante de tanta demanda de respostas rápidas ao longo do dia, a aceleração é tanta que nos gera um stress nos levando a exaustão e não conseguimos desacelerar no tempo certo para que realmente o corpo e mente descansem naturalmente. A dependência de remédios (substâncias legais ou não legais) é outra característica comum ao mundo contemporâneo, o uso de medicação psiquiátrica apenas como um doping mesmo, não se usam apenas como tratamento com acompanhamento, assim como dinâmica de dependência pura.

As pessoas, mal sustentam um olhar atualmente, um pensamento, uma relação, uma frustração. É muito interessante percebermos o quanto cada um de nós fica desconfortável com a representação de nossa imagem em um primeiro momento. Isso acontece porque temos dentro de nós uma imagem interna própria, uma representação própria; e então quando eu penso em mim, eu penso imediatamente nessa imagem. Porém, quando uma imagem atualizada aparece, tomamos um susto, pois não estávamos nos vendo daquela maneira. A representação que os outros têm de mim é diferente da representação que eu tenho de mim.

O EU vem de fora

Nos movemos no mundo a partir das representações que temos de nós

O EU vir de fora, significa que não tenho acesso ao real, não tenho acesso a mim, não ser através das intermediações de espelhamento dos outros, espelhamento do mundo. Eu só sei de mim através desse espelhamento, eu me constituo no olhar do outro, eu me constituo no lugar que o mundo externo reserva para mim.

O conceito chave é:

Eu estou no ponto cego de mim mesmo!

Não tenho acesso ao meu EU real, eu sei de mim através do outro, através das pessoas que querem estar comigo, através do reconhecimento que observo para comigo, e tenho valor ou não por quantas pessoas curtiram meus posts. A identidade é formada constantemente por reconhecimento. Essa condição do ser humano incrivelmente desamparado que depende de

um outro desde o começo. Nossa primeira necessidade psicológica é sentirmos que existimos. O que eu tenho que ser para o outro gostar de mim? (a grande questão do Narcisismo). O Narcisismo é uma OFERTA. É um desespero em tentar corresponder ao desejo do outro, isso é constitutivo do ser humano, essa tentativa fadada ao fracasso de tentar deduzir o que o outro quer de mim. Afinal eu desejoser desejado.

A internet virou o grande espelho.

O fundamental espelho, o grande outro do qual eu espero reconhecimento, espero amor, completude, eu me ofereço. Eu abro mão de mim, eu me alieno de coisas minhas que são muito importantes, mas que o outro não quer em mim, tudo no desespero em ser correspondido, aceito, amado, eu vou me oferecendo cada vez mais e constituindo a minha subjetividade naquilo que eu possa entender que é o desejo do outro, esse outro enigmático que eu tento alcançar.

É preciso dizer também que essa mesma internet que nos tira a privacidade, que ameaça tirar nossa individualidade e perder nossa subjetividade, também é por causa dela que hoje possuímos formas de exercer poder de cidadão no séc XXI. Graças a conectividade existem manifestações, coletivos que dão valor às palavras de pessoas que até então estavam sozinhas e desamparadas do seu meio social. A internet também é e pode ser, cidadania, política e acolhimento social. Logo, quando falamos em um ambiente de cultura do Narcisismo, um ambiente de desconfiança, de desamparo, de fechamento, constatamos que pacientes que procuram análise nos dias de hoje, chegam a clínica de maneira muito diferente que chegavam a Freud. Hoje somos em massa sujeitos que possuem medos, ansiedades, fobias, depressão, transtornos de humor, sofrimentos muito mais primitivos do que aqueles que Freud recebia em seu consultório. Para esse sujeito contemporâneo, o contingente de sofrimento, onde sua casca de proteção é extremamente grossa para proteger-se desse vazio que possui internamente, de ser desamparado, dependente, o trabalho do psicanalista a rigor não é o de analisar, e sim o de constituição de um psiquismo que até então não havia tido a oportunidade de acontecer, a criação de um ego, de um self, de uma subjetividade que ainda não está ali, e aí sim poder voltar a sonhar, e achar um lugar para o seu desejo. E assim possamos a voltar como sociedade a termos utopias e não só distopias como as redes nos tem oferecido ultimamente.

Marina Abramovic nasceu sob regime soviético na Iugoslávia, de pais comunistas, soldados e se tornou artista nesse contexto, posicionando-se junto aos filósofos, aos cientistas sociais, e aos artistas de sua época, ela percebeu desde cedo os riscos que ameaçavam a liberdade da

arte e que se acentua em nossa época e contextualiza a precariedade da nossa vida mental, o desamparo, a dor e a violência que habitam o homem atual. Talvez estejamos precisando reformatar nosso imaginário, afinal ele se encontra muito exógeno, vindo demasiadamente de fora, com imagens prontas, manipuladas, digitalizadas, atravessadas pelo capital, e nos reencontrarmos mais com o nosso imaginário endógeno (o que vem de dentro).

Obrigada Marina Abramovic por toda a sua arte, pela desconstrução de uma arte hegemônica, por essa experiência de um corpo reflexivo, e de uma forma ambígua de se ver, afinal como determinar quem vê e quem é visto?

Seu trabalho tem como princípio criador imanente, onde se mistura a arte ao próprio corpo, que é misterioso por excelência. Seu método coloca as pessoas se conectando consigo mesmas. Não há separação entre arte e dor.

Assim como não há separação entre psicanálise e dor.

Que estejamos prontos para seguir em uma psicanálise menos signatária de um mundo que adocece, uma psicanálise mais adaptativa, sem tamponar as angústias, e para isso é preciso se ter bastante CORAGEM.

Referências

Freud, S. (2010). Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia. São Paulo: Companhia das Letras.

Nasio, J.D. (1995). Introdução Às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. São Paulo: Zahar Editora.

Lacan, J. - O Estágio do espelho como formador da função do Eu. Escritos. págs 96a 104

Freud, S. (1917) - Conf. n.26 A teoria da libido e o Narcisismo.

Roudinesco, Elisabeth (1998). Dicionário de psicanálise. São paulo: Zahar. Edição do Kindle.

Jean Paul Sartre - O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação: Edição do Kindle

1º Semestre 2024

Ciclo III

Nome: Lureen Aimee Asei

Título: A coisa em si e não o mito

“(...) Nós somos, eu sou, você é
por covardia ou coragem
aquela que encontra o nosso caminho
de volta a essa cena,
carregando a faca, a câmera
o livro dos mitos
no qual
os nossos nomes não constam.
(...)”

“Mergulhar no naufrágio” de Adrienne Rich
(tradução de Marcelo Lotufo)

Três acontecimentos me levaram à escolha do tema do trabalho nesse ciclo: dois debates e a leitura de um texto, este da bibliografia básica do ciclo 3. O primeiro debate foi o “A Psicanálise é sexista?”, do dia 16 de junho desse ano, na fala da psicanalista Isabela Sancho. O segundo debate foi o “(Ho)ménage(m) à trois: falo, vagina e pênis nas suas intersecções invejosas”, do dia 4 de agosto desse ano, na fala da psicanalista Patrícia Mafra de Amorim. A leitura foi do texto de Sigmund Freud: “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, publicado em 1925.

A fala de Isabela Sancho trouxe palavras para questões que me incomodavam em silêncio. Uma delas: certa concessão feita às histéricas como criadoras da Psicanálise. Essa concessão, por vezes apresentada como correção histórica, cria uma sobreposição da histeria com a participação das mulheres na Psicanálise. Já às teóricas, que atendiam e escreviam, o título de criadoras é negado ou relativizado.

Apesar de suas contribuições, essas teóricas parecem ocupar posições insulares e frágeis nas transmissões, discussões e escolhas editoriais de tradução e publicação que me têm chegado. Iniciativas notáveis, contrárias ao que estou apontando, estão ainda em seus primórdios, amostrais ou generalistas.

A fala de Patrícia Mafra de Amorim apresenta seu trabalho de pesquisa sobre Karen Horney. Na minha opinião, Horney é uma ausência notável nos textos dos ciclos 2 e 3 de nossa formação. Depois do debate, li a tese fruto do doutorado de Patrícia – Amorim (2021) daqui em diante – e fiquei com a sensação de que teria havido amplo interesse, entre minhas colegas e meus colegas de formação, no contraponto que Karen Horney apresenta ao cânone freudiano contido no texto “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” lido nesse ciclo 3; Freud (1925) daqui em diante.

No ciclo 2, escrevi meu trabalho a partir de “Sobre a sexualidade feminina” (1931) e “A feminilidade” (1933), ambos de Sigmund Freud. Ensejada pela importância da fase pré-edípica da menina, então recém-apresentada na formação, propus uma sobreposição temática com Louise Bourgeois (artista plástica que se usava amplamente de imagens e temas psicanalíticos), tentando dar um destino ao incômodo amorfo que eu sentia. Subscrever-me à tradição psicanalítica parecia pedir conciliação com aquela pedra angular da teoria: o complexo de Édipo. Em um ponto, entretanto, ele não me parece razoável: na centralidade do pênis na constituição psíquica das meninas.

O que demorou a me ocorrer, mesmo ante algumas sagazes e sardônicas criações de Louise Bourgeois, é que não se tratava de descartar o complexo de Édipo, aspecto central à teoria psicanalítica, e sim de perturbá-lo, colocá-lo sob outra luz e lhe fazer perguntas.

A teoria de Karen Horney, tanto através de Amorim (2021) quanto diretamente de alguns textos da própria Horney no livro *Feminine Psychology* (1973), teve efeito de contorno para mim e minhas tentativas de costura teórica ante ao que venho lendo em formação.

A leitura de Freud (1925), com passagens tais quais: “a menina se recusa a aceitar o fato de sua castração” ou “quase sempre a mãe é responsável pela inveja do pênis, por ter trazido ao mundo a criança tão insuficientemente dotada” ou ainda, sobre a formação do superego, “ela mostra menos senso de justiça que o homem, menor inclinação para se submeter às grandes necessidades da vida (...) com maior frequência, deixa-se guiar em suas decisões por sentimentos ternos e hostis” e também seu subsequente desafio às proposições feministas de igualdade, marca como as mulheres são inscritas na teoria canônica freudiana com violência. Não ameaçadas de mutilação, mas

mutiladas. Não apresentando uma formação diferente, mas deformadas em seus fracos superegos, instâncias incapazes de lhes impor o mesmo rigor moral e intelectual dos homens.

Freud (1925) oferece uma saída para as mulheres: através do conceito freudiano de bissexualidade, o autor propõe que há uma frequência variável de traços masculinos e femininos que cada um e cada uma apresenta. Essa saída parece, entretanto, mais propícia a justificar exceções – ou seja, que haja algumas mulheres intelectual e moralmente rigorosas – do que propor um achatamento da hierarquização apresentada pelo texto até ali.

Freud (1925) menciona Horney sem aludir às discordâncias de suas proposições, como Amorim (2021) traz à atenção. Conforme pretendo expor, entretanto, as diferenças são significantes e prenes de implicações.

Ao ser exposta à teoria de Horney, o meu sentimento é o de ter feito uma descoberta tardia, mas revitalizante. Aponta para páginas e páginas de nomes apagados de mulheres que têm tido outras coisas a dizer sobre Psicanálise, mas que precisam, para falarem hoje, serem recuperadas, resgatadas, relidas. Mulheres que vêm escrevendo e pensando paralelamente, bordejando os desenvolvimentos da teoria desde então. Uma descoberta, enfim, que me dá a ver a possibilidade de enxergar uma constelação de mulheres que teorizaram e teorizam na Psicanálise.

Quando me deparei com essa questão, ela me pareceu familiar. Eu já tinha tido notícias da Literatura, da crítica e tradução literárias, onde movimentos de recuperação foram deflagrados por mulheres incomodadas com o apagamento de outras mulheres, do passado e do presente, sobre as quais se fazia silêncio.

Tendo sido aluna em cursos que resgatam e põem para conversar poetisas, escritoras e tradutoras de hoje e dos últimos séculos, recorri à tradutora, professora, crítica e pesquisadora, Emanuela Siqueira. Ela me indicou a leitura de Adrienne Rich, no ensaio “Quando da morte acordarmos: a escrita como re-visão”, com tradução de Susana Bornéo Funck, daqui em diante Rich (1971). Nele, Rich apresenta o conceito de re-visão, o ato de “entrar em um texto a partir de uma nova direção crítica” como “ato de sobrevivência”.

Rich aponta que mesmo quando a re-visão e a recuperação de textos essenciais não alteram imediatamente o cânone (no contexto dela, os currículos universitários), esses textos recuperados têm efeitos na vida das mulheres cujas experiências vinham sendo negadas. Um dos efeitos, penso, é a sobrevivência mencionada por ela. Subjetiva e material, eu acrescentaria.

Rich (1971) discute o texto de uma predecessora, Virginia Woolf em seu hoje célebre “Um teto todo seu” (ou “Um quarto só seu”, como na tradução de Denise Bottmann, de 2019). Reproduzo abaixo um curto trecho dessas considerações sobre Woolf que era, nesse texto, para Rich:

(...) uma mulher quase em contato com sua raiva, mas que está determinada a não parecer zangada e que se quer calma, distante e até simpática em uma sala cheia de homens na qual o que vem sendo dito são ataques à sua própria integridade.

Um pouco adiante, Rich continua:

(...) toda escritora escreve para os homens, mesmo quando, como Virginia Woolf, deveria estar se dirigindo a mulheres.

Se houver leitoras para esse texto que escrevo, tenho certeza de que reconhecerão a experiência acima descrita por Rich, especialmente se têm ocupado ambientes predominantemente masculinos. As mulheres estão frequentemente se desculpando por sua raiva, ocultando-a com medo da ridicularização, da reprimenda violenta ou do ostracismo em seus campos de atuação. Apagamentos e violências precisam ser recebidos com graça, gentileza e cuidado.

Amorim (2021), na página 115, apresenta uma amostra da recepção que o livro de Karen Horney, *Self-Analysis* (1942), teve no círculo psicanalítico quando de sua publicação. As palavras abaixo são de Otto Fenichel (1942):

(...) A recusa do *Psychoanalytic Quarterly* veio na forma de uma carta de Zilboorg: “Lamento que sua resenha do livro de Horney não possa ser publicada no *Quarterly* porque já havia sido atribuída a outra pessoa. É claro que poderíamos publicar sua crítica ao mesmo tempo, mas decidimos que esse maldito livro deveria receber o mínimo de destaque possível. Horney é um incômodo, mas devemos nos comportar como se ela não fosse um incômodo importante. [...] Prefiro olhar para ela como uma daquelas mulheres que não conseguem envelhecer graciosamente e que simplesmente abandonam a análise com um toque de falta de tato”

E também, da mesma fonte:

Em uma investigação sobre se a *Psychoanalytic Review* estaria interessada em uma revisão crítica de *Self-Analysis* de Horney, o velho Jelliffe escreveu a seguinte bela resposta: “Nós já batemos em Horney quase o suficiente – mas se ela precisar de mais, nós o daremos”.

Karen Horney era, claramente, “um incômodo importante”. Acho essa passagem notável porque escancara algo que retoma alguns momentos da tese de Patrícia Amorim e também da fala de Isabela Sancho do início: não é por acaso que se figura na história psicanalítica ou que dela se é apagada.

Ainda estou iniciando minhas leituras dos textos de Horney. Entretanto, gostaria de trazer, de forma rudimentar e resumida, um de seus desenvolvimentos teóricos a que aludi anteriormente.

Horney apresenta um outro olhar para o complexo de castração e o Édipo das mulheres, para o afastamento entre a mãe e a menina e para a inveja do pênis. Da minha leitura de Amorim (2021) e de Horney (1973), tentei esboçar uma versão simplificada do desenvolvimento psicosssexual feminino proposto por Horney. Começa da descoberta que a menina faz da diferença anatômica entre os sexos:

1. A menina descobre a diferença entre os sexos
2. Vivencia, então, a inveja primária do pênis:
 - a. Narcísica e escopofílica (exibicionista e voyeurística), influenciada pelo erotismo uretral. O menino pode ver e exibir seu genital quando urina, ela não
 - b. Ela não vê, entretanto, castração em si
3. Quando do complexo de Édipo, há identificação com a mãe e o, concomitante e consequente, desejo incestuoso pelo pai. Esse desejo é herdado da mãe por via da identificação
4. Ansiedade genital:
 - a. Da identificação com a mãe e do conhecimento da existência do pênis e da vagina, advém a fantasia inconsciente de ter sido penetrada pelo pai
 - b. A menina não pode ver a própria vagina, não pode atestar a integridade dessa
 - c. O pai é um homem adulto e a menina é uma criança, a desproporção dos tamanhos alimenta o terror inconsciente
5. O terror inconsciente do ferimento da penetração leva:
 - a. Ao recalque, com desinvestimento da zona genital, em especial da vagina
 - b. À renúncia ao pai e a um desinvestimento da identificação com a mãe (logo, ao afastamento), pelo perigo que essa identificação representa
6. Formação superegoica: a constituição do superego acontece como formação reativa à ansiedade genital e à culpa pelo amor incestuoso ao pai. Não há superego fraco como na formulação freudiana, mas um ao menos tão motivado quanto o do menino

Partindo das mesmas fontes, menciono aqui também o caminho que pode levar ao complexo de masculinidade. A partir da negação da vagina, pode haver um movimento regressivo que desemboca na primeira inveja do pênis e passa a caracterizar a inveja secundária do pênis.

A inveja secundária facilita a identificação com o pai, possuidor do pênis. Entretanto, como não compartilha da anatomia do pai, a menina traduz a ansiedade genital através da fantasia de castração. A genitália feminina aparece, aqui sim, como ferida. Aliado a fatores culturais, por exemplo uma cultura que privilegia os meninos e papéis ditos masculinos, pode vir o repúdio da feminilidade e o desejo de ser homem (ter pênis).

Caso não tenha ficado evidente, a diferença que vejo entre a teoria freudiana e a de Karen Horney é que para Horney a constituição psíquica da menina não se dá a partir da “castração” ou ausência do pênis, e sim em seus próprios termos, com a participação da vagina e de seus investimentos nas fantasias inconscientes, incluída a ameaça de ser ferida como consequência do desejo incestuoso.

Saímos, então, da constituição da mulher a partir da anatomia do homem e começamos a alça-la a si própria. É uma proposta de que os investimentos vaginais negados por Freud tenham uma parte maior no enriquecimento do conflito edípico e no psiquismo da menina do que a ausência de um órgão que lhe é alheio. Não tanto o que “falta” e mais o que está lá.

O poema de Adrienne Rich de que eu trouxe fragmentos na epígrafe e no título desse trabalho, “Mergulhar no naufrágio”, traduzido por Marcelo Lotufo, é composto também pelo seguintes versos:

(...) Eu vim explorar o naufrágio.

Palavras são fins.

Palavras são mapas.

Eu vim para ver o estrago que foi feito

e os tesouros que prevalecem.

Eu varro com o feixe da minha lanterna

vagarosamente o flanco

de algo mais permanente

do que peixes ou algas

aquilo pelo que vim:

o naufrágio e não a história do naufrágio

a coisa em si e não o mito (...)

Ouvi muitas vezes de muitas pessoas que a formação do analista é artesanal. A formação de (algumas) analistas talvez passe por um mergulho no naufrágio. Não estamos entre duas opções apenas, seja, a primeira, aceitar as proposições do cânone freudiano sobre nossos corpos e constituições psíquicas e, a segunda, a de tomar para nós, mulheres que se lançam à formação em Psicanálise no século XXI, a gigante tarefa de propor uma transgressão inaudita. Outras mulheres vieram antes de nós, cujos “tesouros” prevalecem. Não temos apenas a opção das criações, mas também as das restaurações e reparos.

Não estou aqui propondo que se faça do sexo do autor ou da autora o critério para a correção de sua teoria. Não proponho aceitação acrítica de um lado ou descarte imediato do outro. Eu gostaria, sim, que os nomes das mulheres (res)surgissem e que seus textos recebessem o mesmo benefício da dúvida que os dos homens. O mesmo entusiasmo e empenho em utilizar e salvaguardar deles aquilo no que se revelam valiosos. Que não se concorde com tudo que Horney escreveu não é, entendo, razão para que não se aproveite nada de seus textos.

Ainda me usando das imagens de Rich, nomear tem sido uma prerrogativa masculina e os nomes das mulheres não estão no livro dos mitos. Ao menos, penso, não os nomes que dariam a si mesmas. As “palavras são mapas”, mostram onde. Na re-visão dos textos, podemos ver melhor esses lugares que foram tomados por naturais.

Um dos convites de Amorim (2021), na minha leitura, é começarmos a pensar sobre quais seriam as implicações metapsicológicas das proposições de Karen Horney. Acho um convite interessantíssimo e um trabalho que, em coletividade, será tarefa de homens e mulheres atravessados e incomodados pelo o tema.

Não pretendo que se retome ou incentive um atrelamento do complexo de Édipo à anatomia. Usei neste texto acepções de homem e mulher baseadas no sexo biológico, mas quero deixar aqui marcado que há mais propostas de (des)enlaces entre sexo e gênero, subjetivações outras que também pedem por re-visões da teoria e clínica psicanalíticas. Creio que podem se beneficiar, também, das recuperações de vozes divergentes apagadas.

Para mim, a introdução do conceito de Horney de inveja primária e secundária do pênis, assim como sua descrição da ansiedade genital feminina, destrói uma hierarquia dos corpos na constituição do sujeito, hierarquia exposta em Freud (1925) e outros de seus textos. Essa destruição, penso, seria bem-vinda para todas as pessoas.

Estar em formação, ser aprendiz do saber psicanalítico, me interessa. Desde o começo estive implicada na minha formação. Que essa formação sofra de naufrágios que ensejam mergulhos é um ganho, o de poder sustentar a perda de alguns ideais.

A Psicanálise não está dada. Pomos os teóricos e as teóricas, nossos colegas e nossas colegas para construir junto: conosco, uns com os outros, umas com as outras, vivos e mortos, vivas e mortas. Dialogando, escrevendo, falando através de suas interpretações, construções, intervenções e, principalmente, das suas escutas.

Referências

- AMORIM, P. M. **Karen Horney, o feminismo e a feminilidade: um desmentido na história da psicanálise**. Doutorado em Psicologia Clínica—São Paulo: Universidade de São Paulo, 14 maio 2021.
- Debate - A Psicanálise é sexista? - 16.06.2023.** , 20 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=laGfPG4lV-c>>. Acesso em: 1 out. 2023
- Debate: (Ho)ménage(m) à trois: falo, vagina e pênis nas suas intersecções invejosas - 04.08.2023,** 4 set. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=04A6deiLa_w>. Acesso em: 6 out. 2023
- FREUD, S. **Freud - Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. 1ª edição ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- HORNEY, K. **Feminine Psychology**. Revised ed. New York London: W. W. Norton & Company, 1973.
- RICH, A. Quando da morte acordamos: a escrita como re-visão. Em: BRANDÃO, I. et al. (Eds.). **Traduções da cultura: perspectivas feministas (1970- 2010)**. Tradução: Susana Bornéo Funck. Florianópolis: EDUFAL, 2017. p. 64–84.
- RICH, A. **Que tempos são estes**. Tradução: Marcelo Lotufo. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2018.

1º Semestre 2024

Ciclo IV

Nome: Isabel Cristina Franchon do Prado

Título: Histeria

*“Histeria, mal definida e complexa como é,
não é uma doença do cérebro
E, certamente, não é para chamar atenção.
É uma emanção do que eu chamo de inconsciente.”
Freud*

Prólogo

O filme *“Augustine”* (2012) pretende ser uma biografia da paciente mais conhecida do médico Jean-Martin Charcot no Hospital Pitié-Salpêtrière, de Paris, e se passa em 1885, em meio ao que parecia uma pandemia de histeria entre as mulheres na Europa. Com sintomas que à época eram associados a esse diagnóstico (convulsões, paralisia temporária, crises emocionais), Augustine é internada e passa a ser objeto de pesquisa e de demonstrações públicas pelo médico que queria, a todo custo, tornar-se reconhecido pelo estudo e cura da doença que desafiava toda a classe médica. Combinando elementos da história, da medicina e psicológicos, o filme mostra as práticas médicas da época em busca de explicações científicas, as relações que se desenrolavam entre médicos e pacientes e a maneira como a sociedade via as mulheres histéricas. Em todo o contexto o que se vê é uma relação de poder, controle e vulnerabilidade.

O filme *“Hysteria”*, de 2011, pretende ser uma comédia romântica e se passa em 1880 quando ‘metade das mulheres de Londres era diagnosticada como histérica’, doença surgida do útero hiperativo. Em sua clínica de medicina da mulher, um médico dedica-se a aliviar seus sintomas através da massagem da vulva com os dedos de sua mão, até que aconteça o ‘paroxismo’ e elas se sintam livres dos sintomas e pensamentos. Um jovem médico entra em cena e, de tanto massagear as mulheres, passa a sofrer de fortes dores na mão – chega a ter câimbras e se justifica com “eu

garanto que isso nunca tinha me acontecido antes”. Demitido, cria, junto com um amigo, o primeiro vibrador da história, que proporciona à criada que o testa, três ‘paroxismos’ em cinco minutos, e que passa a ser um sucesso de vendas. O contraponto do filme fica para as duas irmãs: uma a personificação da virtude inglesa e feminilidade que administra a casa profissionalmente; a outra inteligente, caridosa e volátil, sente tudo intensamente, grita, bate portas, não se comporta como é esperado e é envolvida com obras sociais. Típica histérica. Ainda que no contexto de uma comédia, o filme mostra também uma relação de poder, controle e vulnerabilidade.

Como é possível falar hoje de histeria?

É com essa pergunta que Élisabeth Roudinesco começa a falar de Histeria no Dicionário de Psicanálise. E segue: “O D.S.M. III-R eliminou-lhe o nome para conservar apenas a noção de sintoma de conversão, mais clara e mais precisa. Aliás, os famosos sintomas das histéricas de Charcot desapareceram pouco a pouco, a tal ponto que podemos perguntar se a histeria não se deslocou para o campo social. De um lado, portanto, a rejeição da denominação; de outro, a mudança de significação, duvidando-se de que ainda se trate de uma neurose. Será preciso ver quais as razões dessa crise e o que ela põe em jogo”.

Roudinesco faz um apanhado da origem e da visão da histeria através da história. Segundo ela, bem antes de Hipócrates, que recebe créditos, a doença do hystera (útero) já aparecia em papiros egípcios: para acalmar o útero ‘que sobe de baixo para cima’, nada como ‘relações sexuais, trabalhos manuais e gestações’. Na Idade Média, sob a influência de Santo Agostinho, a histeria recebe o nome de possessão diabólica pelo triunfo das forças do mal, contestando o poder do senhor – político e religioso – e é curada com exorcismos, sob o poder político da inquisição.

O Renascimento trouxe novos olhares para a histeria que passou a ser vista como uma doença com causas internas e naturais. Primeiro, decorrente de distúrbio nervoso no cérebro para a neurologia; depois, não como distúrbio orgânico, mas como uma alienação mental com consequências somáticas, na psiquiatria; enfim, como uma degenerescência hereditária, mas com os sintomas provocados por causas ocasionais (agentes provocadores) por Charcot, neurologista e psiquiatra. De qualquer modo continuou a ser a doença das virgens e viúvas em quem no ócio e no devaneio a doença do hystero triunfava.

“Os sintomas histéricos são manifestações do inconsciente, onde conflitos e desejos são armazenados e disfarçados.” Freud

O estudo da histeria por Freud teve um papel essencial no desenvolvimento da teoria psicanalítica, sendo ponto de partida para muitos dos conceitos centrais que a fundamentam. Ao explorar o papel do inconsciente na psicopatologia, bem como a importância da sexualidade infantil em distúrbios, Freud desenvolveu a Teoria do Inconsciente, o conceito do Complexo de Édipo, a teoria dos Mecanismos de Defesa e tantas outras no decorrer do tempo.

Para Freud, os histéricos enfrentavam conflitos sexuais e emocionais originados na infância, que eram reprimidos: os sintomas somáticos, físicos ou psicológicos, sem causa orgânica comprovada, são conversões dos conflitos não resolvidos – uma maneira de lidar com a angústia, desviando-a para o corpo.

O papel da sexualidade é central na teoria de Freud – para ele, a relação dos histéricos com seus desejos sexuais era complexa na divisão entre a repressão e a busca por satisfação.

Mecanismos de defesa como a repressão, a projeção e a negação seriam desenvolvidos pelos histéricos (e em outras estruturas de personalidade) para evitar a confrontação direta.

“As fantasias inconscientes desempenham um papel crucial na formação dos sintomas histéricos, representando desejos e medos profundos.” Melanie Klein

Seguidora de Freud, Melanie Klein trouxe contribuições importantes para a compreensão da histeria, particularmente na infância: segundo ela a histeria não era restrita aos adultos – as crianças expressavam conflitos e desejos reprimidos nas brincadeiras e jogos. Assim como os adultos histéricos, elas também experimentavam sentimentos e emoções contraditórios em relação a objetos significativos, e expressavam essa ambivalência por meio de fantasias inconscientes, como vítima ou agressor.

Klein abriu uma nova perspectiva para a compreensão da histeria ao considerar o desenvolvimento precoce dos sintomas histéricos.

“Na histeria, o sujeito se vê desafiado pela linguagem, e seus sintomas são tentativas de responder a esse desafio.” Lacan

Na visão de Lacan a histeria não é um problema médico, mas uma estrutura clínica, um modo de lidar com o desejo que nunca pode ser satisfeito ou plenamente realizado e os sintomas são uma forma de expressar esse desejo insatisfeito.

Para ele, é também uma maneira de resistência ao desejo do Outro (uma figura de autoridade), pois esse desejo do Outro o histérico não pode satisfazer: nos sintomas ele chama a atenção para seu desejo que procura satisfazer através do desejo do Outro.

Mais que isso, para Lacan a histeria é uma forma de comunicação, um discurso, onde a linguagem tem o papel principal – desafiado pela linguagem, complexa e problemática, o histérico manifesta a resposta por meio de discursos interrompidos e sintomas somáticos.

O Discurso da Histórica, desenvolvido por Lacan, é uma maneira de mostrar como é a relação do histérico com o Outro: ele está sempre dividido entre o desejo inconsciente e o saber consciente e o seu objeto de desejo é seu próprio desejo que ele busca no Outro.

Essa foi a maior divergência entre as perspectivas de Freud, Melanie Klein e Lacan – os dois primeiros focavam na sexualidade e nas dinâmicas emocionais; para Lacan a histeria era uma forma de comunicação.

*“A histeria é, antes de tudo, uma forma de discurso,
um discurso que diz algo sobre a sociedade,
sobre o poder, sobre o sexo.” Michel Foucault*

Foucault, filósofo e teórico social francês – conhecido por sua análise crítica da forma como o poder, intrinsicamente ligado ao conhecimento e ao controle social opera na sociedade – contribuiu para o estudo da histeria com um viés mais social. Predominantemente associada às mulheres e frequentemente usada como uma forma de controle social sobre a sexualidade feminina a histeria era, em sua visão, uma maneira de patologizar e medicalizar comportamentos femininos que não seguiam as normas sociais da época. Em outras palavras, condições que eram sociais e morais tornaram-se um problema médico. Para ele, o diagnóstico e o tratamento da histeria eram meios de controle social sobre as pessoas, pelo poder.

Em seu livro *História da Loucura*, Foucault discute o desenvolvimento histórico das práticas de tratamento dos loucos, incluindo as históricas – cada época e contexto diferente produz diferentes formas de conhecimento e verdade traduzida no discurso (arqueologia do saber) e os dispositivos de poder/saber determinam o que é legítimo em uma sociedade, exercendo, com isso, poder sobre

as pessoas. Assim, a histeria foi tratada de diversas formas ao longo da história e a medicina, sendo um dispositivo de poder/saber, considerou que era uma doença como passou a ser tratada.

Sua defesa das histéricas aparece em uma frase do livro *O Corpo Utópico*, onde Foucault argumenta que a histeria é uma forma de expressão da subjetividade que desafia as normas sociais e o poder: uma maneira de existir, ou talvez resistir, entre o apagamento completo e a possibilidade de serem livres sendo loucas: “*A histeria é uma forma de resistência ao poder*”.

Epílogo

Os famosos sintomas das histéricas de Charcot desapareceram, como diz Roudinesco. As histéricas de Freud já não são as mesmas. Em pleno século XXI talvez já não faça sentido discutir ou alimentar a histeria, mesmo porque já não faz parte do DSM. No entanto continua nas conversas, na imprensa, na literatura, no dia a dia: teria a histeria se deslocado para o campo social, como diz Roudinesco? O que é considerado insano continua a ser feminino, contraposto ao que é normal.

Não é preciso ir longe – basta observar. Na recente pandemia de coronavírus, a preocupação, o medo de contágio e o isolamento foram, não poucas vezes, classificados como histeria feminina. Se uma mulher não se comporta ou se expressa de uma maneira que não é conveniente socialmente, é chamada de histérica. Se gargalha, é histérica; se chora, é histérica; se mente, é histérica; se grita, idem. Aliás, essa observação foi tirada dos dois filmes citados acima, pretensamente do século passado. Se foi assim até o século XX, não precisa ser no século XXI.

Se o diagnóstico foi substituído por sintoma de conversão, por que conservar o sentido de histeria atrelado ao discurso do movimento, ao desconforto no corpo, ao grito de ‘não suporto mais isto’?

“Não se nasce mulher: torna-se mulher” é uma das frases mais conhecidas da filósofa francesa, Simone de Beauvoir no livro *O Segundo Sexo*, refletindo a ideia de que o gênero não é uma característica inata, mas uma construção social. Há 70 anos ela criticava a patologização da mulher e discutia a necessidade de desconstruir os estereótipos de gênero, entre dezenas de temas sobre a necessidade de liberdade e igualdade. Foi chamada de histérica.

Menos de 15 anos depois Foucault, em suas análises críticas sobre como o poder opera na sociedade, também explorou o tema do gênero nas relações de poder sob várias óticas, incluindo a histeria. Não foi chamado de histérico.

Referências

Beauvoir, Simone. O Segundo Sexo

Freud, Sigmund. Estudos sobre a Histeria

Freud, Sigmund. Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos

Foucault, Michel. História da Loucura

Foucault, Michel. O Corpo Utópico

Lacan, Jacques. O Seminário, livro 17. O Averso da Psicanálise

Klein, Melanie. Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos

Nasio, J.D. 5 Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan

Roudinesco, Élisabeth. Dicionário De Psicanálise

Referências filmes

“Augustine”

Ano: 2012

País: França

Roteiro e Direção: Alice Winocour

“Hysteria”

Ano: 2011

País: Alemanha, França, Grã-Bretanha, Suíça

Direção: Tanya Wexler

1º Semestre 2024

Ciclo V

Nome: Vera Lucia Lopes da Silva Ferraz

Título: Sonhos: da premonição à realidade

Ao concluir mais um ciclo aqui no CEP, é com imenso prazer que me debruço para escrever sobre a temática dos sonhos. Ao longo de vinte e três anos de análise, discuto com meu analista meus sonhos mais instigantes e “obscuros”. Em 2010, dispus-me a ler *A Interpretação dos Sonhos*, de Freud, e desde então tenho ficado fascinada pelo assunto. Sinto-me motivada a explorar mais sobre essa temática e ao longo desse caminho descobri autores maravilhosos, como os filósofos da antiguidade clássica, Artemidoro de Daldis, assim como também, pensadores contemporâneos, que discutem os sonhos na perspectiva psicanalítica, como por exemplo, Ella Freeman Sharpe que escreveu um manual prático para psicanalistas e, Joel Birman, que aponta para a necessidade de simbolização através dos sonhos e entende a “ausência” deles como sinal de adoecimento do psiquismo. Mesmo não sendo uma pesquisa histórica, sinto-me empolgada em compartilhar a grandeza, magnitude e impacto dos sonhos na humanidade. De modo geral, as questões sobre eles, giram em torno de sua natureza, origem, função e, principalmente, qual o significado deles na vida cotidiana do sonhador.

“Esse desejo de atribuir um significado e interpretá-los é algo que sempre esteve presente em diferentes culturas e épocas. Em todo o percurso histórico eles têm sido alvo de análises e reflexões, um assunto que envolve muitos questionamentos e que despertam o interesse tanto no senso comum como no âmbito de diferentes estudos filosóficos e científicos. As principais dúvidas sobre eles giram em torno do que de fato eles são, qual sua origem e função e, maiormente, sobre o significado deles na vida do sonhador.” (MILHORIM; CASARINI, SCORSOLINI-COMIN, 2013).

Os gregos acreditavam que a alma vagava durante o sonho e o despertar do sono antes do retorno da alma poderia desencadear a loucura. Por outro lado, os egípcios acreditavam que os

sonhos eram mensagens dos deuses contendo advertências ou conselhos, por isso se preocupavam com a decifração dos mistérios oníricos.

Os primeiros registros de sonhos foram encontrados em forma de placas de argila na biblioteca do rei Assurbanipal pertencente ao império Assírio, na antiga Mesopotâmia em V ou VI a.C. Os vestígios de linguagem escrita demonstraram o interesse pelos sonhos e sua decifração revelou que as placas continham uma espécie de guia de interpretação de sonhos.

No século II a.C., os sonhos eram tratados em grande parte como um fenômeno religioso. Eram uma forma de mediação entre os deuses e os homens. Mesmo que não houvesse uma explicação racional para os sonhos, os povos antigos, os consideravam significativos e importantes, sendo interpretados como prenúncio de eventos futuros, influenciando inclusive suas ações e decisões.

Cícero (106-43 a. C.) contribuiu com uma observação curiosa, de que seus contemporâneos confiavam mais nos sonhos do que em informações de mentirosos famosos, bastando que um único sonho se realizasse para validar sua credibilidade, apesar dos inúmeros sonhos falsos. Assim, os sonhos eram compreendidos como uma espécie de presentes enviados pelos deuses ou por espíritos. Povos de diferentes culturas e épocas, acreditavam que era possível interpretar o significado deles, dando-lhes um caráter de adivinhação. Mesmo nos dias de hoje, é comum os sonhos estarem relacionados a eventos ou lugares vivenciados pelo sonhador, muitas vezes sendo considerados como fenômenos intrigantes, confusos e, até mesmo premonitórios (FERREIRA, 2014).

No campo filosófico, desde o início, eles foram considerados como elementos constituintes da psique humana. Para Platão (428-348 a. C.), o sonho era tão real quanto o estado de vigília. O filósofo entendia que o sonho devia ser submetido à razão, à reflexão, que o homem só deveria adormecer, se entregar ao sono, depois de ter alimentado seu raciocínio com pensamentos “belos” que fossem capazes de proporcionar um sono tranquilo, caso contrário, corria-se o risco de ter sonhos inadequados que manifestariam desejos proibidos e falta de pudor, como incesto e assassinatos. Platão exerceu grande influência na onirolgia ao apontar que o sonho estava estreitamente ligado à alma e que se revelava à noite quando esta estava livre do corpo. Sua compreensão acerca dos sonhos exerceu influência até o século XIII. Por sua vez, Aristóteles (384-322 a. C.) em suas obras, tentou explicar os sonhos fisiologicamente, abordando temas como corpo e a alma, sono e vigília, e interpretação dos sonhos. Suas reflexões contribuíram significativamente para o entendimento da complexidade dos fenômenos oníricos, expandindo o conhecimento sobre eles (COSTA, 2014).

Aristóteles descreveu a produção dos sonhos comparando-a à figura de uma tina onde eram depositadas cortiças em forma de sapos e sobre elas eram jogados sal e água. Ele explicou que assim como a água dissolve o sal e faz as cortiças submergirem, os sonhos da alma são resultados da influências de diferentes fatores como a percepção dos sentidos durante o dia e, à noite, ao deitar, questões ligadas à digestão, agitação e movimentação, produzem suas interferências. Dessa forma ele tentou mostrar como os objetos do mundo exterior são processados pela mente durante o sono.

Quem mais contribuiu para a decifração de sonhos na Antiguidade foi Artemidoro de Daldis, que escreveu um tratado sobre os sonhos, a *Oneirocrítica*, datado de 150 d.C., um conjunto de cinco livros documentando centenas de sonhos, destinado ao intérprete profissional da época ou a um estudioso interessado em extrair a mensagem do sonho, geralmente, um presságio. Enquanto o pensamento da época buscava compreender os sonhos de uma maneira universal, ele acreditava que os sonhos e seus símbolos possuíam um significado particular na vida do indivíduo.

Embora a obra dele não seja muito conhecida do público leitor em geral, seus textos despertaram o interesse de diversos estudiosos das ciências humanas, foi citada modernamente, inclusive, por Freud em 1900, que considerou bastante louvável a atitude do autor em atribuir aos sonhos, um significado diferente para pessoas diferentes. O método onirocrítico incluía uma classificação dos diferentes tipos de sonhos. Os sonhos mais destacados eram os de predição do futuro, de presságio. Ao compilar seus cinco livros da *Oneirocritica*, criou um guia para a interpretação dos sonhos que serviu de modelo para dicionários de sonhos que foram elaborados posteriormente com o intuito de fazer previsões, apostar em jogos e definir a vida amorosa dos indivíduos (FERREIRA, 2014).

Neste sentido, apesar das diferenças em suas teorias, ambos acreditavam que os sonhos tinham significado mais profundo do que simplesmente serem produções aleatórias da mente durante o sono.

Schopenhauer (1788-1860), filósofo bastante pessimista, foi um dos últimos estudiosos a falar sobre os sonhos antes destes serem alvos de estudo da psicanálise. Ele entendia que o sonho e a vida eram páginas de um mesmo livro, havia uma relação entre sonhos e a realidade. No entendimento dele, os sonhos revelavam aspectos da nossa psique que não são facilmente acessíveis durante a vigília. Ele os via como uma forma de escapismo para nos confrontar com nossos medos e ansiedades, de uma forma simbólica. No entanto, nem todos os sonhos eram significativos, muitos deles eram apenas produtos do psiquismo processando as informações do cotidiano.

A grande mudança no cenário ocorreu somente após as ideias revolucionárias de Freud, compreendendo os sonhos como meios de acesso ao inconsciente.

Com a publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, Freud se consolidou como um dos principais autores a pesquisar o assunto, concebendo a ideia de que nos sonhos há uma realização disfarçada de desejos reprimidos, desenvolvendo assim, uma técnica de interpretação. A partir desta publicação foi possível se ter uma compreensão mais estruturada dos mecanismos inconscientes do sonho: através dos sonhos os conteúdos reprimidos encontravam uma forma de manifestação.

Foi através de Freud que eles ganharam um status menos místico e mais científico. O sonho foi para Freud, o caminho da descoberta do inconsciente, a “via régia”. Através dos estudos empreendidos, ele tomou o sonho como algo de fundamental importância para compreender o funcionamento dos processos psíquicos. Ele nos apresentou uma técnica capaz de interpretá-los, e quando essa técnica é empregada, o sonho pode ser desvendado.

Freud já tinha em mente algumas ideias sobre a interpretação dos sonhos, mas foi com análise do famoso sonho da injeção de Irma que elas se consolidaram. Ao submeter seu próprio sonho à análise, ele verificou que além dos sonhos possuírem um sentido, serem realizações de desejos, eles também revelavam a natureza desses desejos. Contudo, o que mais lhe chamou a atenção foi o fato dessa natureza ser de ordem sexual. Tanto é que ao analisar o sonho de Irma, ele se resguardou de fazer uma análise mais profunda com receio de expor publicamente seus próprios desejos.

Tanto os sonhos dele como os de suas pacientes, foram cruciais para o enriquecimento e a descoberta da teoria psicanalítica e do método de interpretação. Conceber o sonho como algo absurdo significa apenas que o indivíduo tem uma resistência interna contra a interpretação dele. As distorções funcionam como uma censura de nossos desejos, quando tentamos esconder ou não queremos enfrentar algo que não está bem resolvido em nós, ou seja, está recalcado em nosso inconsciente.

Freud, ao contrário dos que o antecederam, esclareceu, que os sonhos não eram manifestações sobrenaturais, que eles tinham um sentido e que era possível desvendá-los através de seu método científico. Ele equiparou os sonhos aos sintomas na medida em que ambos continham um significado. Freud atribuiu aos sonhos um tratamento semelhante ao que deu aos sintomas: ambos deveriam ser decifrados.

Ainda hoje, é comum ouvir pessoas relatando seus sonhos e os associarem a algo que está prestes a acontecer. Muitas delas, ao sonharem com doenças, morte, perda de entes queridos ficam apavoradas, temendo que algo de ruim lhes aconteça. Há ainda as que acreditam na sorte e dependendo do conteúdo sonhado (números ou figuras de animais) apostam em jogos, tamanha é a impressão que os sonhos lhes causam. Mas longe de ser algo premonitório ou sobrenatural, os

sonhos dizem respeito a algo do próprio sonhador, um desejo reprimido ou a ainda algo que viveu de forma tão intensa, traumática, que não conseguiu ser representado no aparelho psíquico. Nessa perspectiva, o sonho não estaria relacionado ao futuro e sim ao passado.

Posto que este é um assunto que me interessa muitíssimo, ao pesquisar especificamente sobre os sonhos traumáticos, percebi uma redução considerável no número de publicações. Na verdade, uma carência de publicações recentes. E ainda assim, não de uma maneira clara, explícita. O que me causou estranheza, foi que justamente o fato de a questão traumática ser um ponto nodal na obra freudiana. Muito se discutiu sobre ela, mas nada específico sobre os sonhos, exceto os sonhos das neuroses de guerra.

Percebi uma escassez de materiais para pesquisa sobre os sonhos na clínica psicanalítica contemporânea. Tal fato me leva a questionar o papel que os sonhos possuem na clínica atual. Acaso as pessoas não padecem mais de traumas? Estes não se manifestam mais nos sonhos? Sendo os traumas um excesso sobre o psiquismo, a pergunta que faço é: por onde estão sendo atenuados os efeitos dessa sobrecarga, tendo em vista o empobrecimento onírico?

Esse ponto nodal da questão traumática em Freud me chamou muitíssimo a atenção. Considero a questão traumática altamente relevante, sendo retomada pelo próprio Freud nos diferentes momentos de sua vida.

Pude perceber ainda, opiniões contraditórias sobre o esquecimento dos sonhos. Se para Freud, o esquecimento era devido à censura, hoje, há controvérsias, há apontamentos de que nem todas as pessoas sonham. Embora o assunto seja bastante controverso, essa ausência de sonho durante o sono, é uma ausência de simbolização, o que me suscita questionamentos sobre o que estaria causando esse empobrecimento onírico.

Escritores atuais como Birman tem apontado algumas respostas para esta indagação. O sofrimento psíquico que hoje chega à clínica, evidencia um sujeito que se acredita sem traumas, quando na verdade está se afastando de sua capacidade de subjetivação, essa desvitalidade, esse empobrecimento do sonhar é fruto de transformações que estão ocorrendo na esfera social e que de alguma maneira interferem fortemente no psiquismo das pessoas.

Frente a todo avanço científico e tecnológico, o homem contemporâneo tem dificuldades para se posicionar e refletir sobre o mundo atual. O ritmo frenético das informações e transformações sociais o bombardeia. Tudo cresce e se multiplica com uma rapidez tão grande que ele se vê sem tempo para pensar, para refletir, para introspecção. É tragado pelo imediatismo.

A quantidade de estímulos, pressões e exigências que recebe do ambiente externo o absorve de maneira absurda, congestionando sua mente, demonstrando a dificuldade que ele apresenta em

permanecer introspectivo e entrar em contato com suas angústias. O empobrecimento do registro do sonho sinaliza que o sujeito contemporâneo evita entrar em contato com seus conteúdos internos. O que se observa nesse sujeito, é uma vida marcada, notadamente, além do imediatismo, pela preocupação exagerada com a aparência. Não há espaço para reflexão sobre si, na verdade, ele evita fazê-la. Ele não consegue dar sentido à sua própria existência e experiências. É absorvido pela preocupação excessiva com a aparência física e com a performance. O resultado desse sujeito cuja essência é a aparência, é a impossibilidade de subjetivação e construção de si, com falhas emocionais bastante primitivas.

O empobrecimento ou ausência de sonhos, sinalizam uma desorganização estrutural no psiquismo. Os conflitos que outrora se manifestavam na psique, aparentemente, hoje se manifestam no corpo. Quando não se sonha, não é só o psiquismo que adoece, o corpo o acompanha.

Para além de se constatar esse empobrecimento no registro dos sonhos, acredito ser indispensável se debruçar sobre essa questão, no sentido de recuperar a função dos sonhos, que em minha opinião será um dos maiores desafios da psicanálise para tratar o sujeito contemporâneo.

Referências

- BIRMAN**, Joel. O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 159 p.
- COSTA**, Ricardo da (Org.). Os sonhos na história. Tradução Editorial Ivitra Poliglota. Madrid: Editorial Ivitra Poliglota, 2014. 127 p. Disponível em: <http://www.ivitra.ua.es/admin/pdfs/noticies/OssonhosnaHistoria.pdf>. Acesso em: 25 de Set. 2023
- FERREIRA**, Anise de A.G. D'Orange (Org.). Oneirokritika de Artemidoro de Daldis (séc. II d.C.): livro de análise de sonhos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. 122 p. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126228/ISBN9788579835803.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 de Set. 2023.
- FREUD**, Sigmund. A interpretação dos sonhos. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001. 616 p.
- FREUD**, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: volume XVIII (1920-1922): além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. 1. ed. standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 317 p.
- MILHORIM**, Thaís Kristine; CASARINI, Karin A.; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Os sonhos nas diferentes abordagens psicológicas: apontamentos para a prática psicoterápica. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 79-95, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702013000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 de Set. de 2023.

1º Semestre 2024

Ciclo VI

Nome: Giovanna Ghiurghi

Título: Reflexões sobre mania, neoliberalismo e um caso clínico

Introdução

A ideia disparadora deste trabalho surgiu ao ouvir o episódio 46 do *Lá fora: Coisas do Mundo Atual Pelo Olhar da Psicanálise*, podcast apresentado e organizado pelos psicanalistas Marielle Kellermann, Vanessa Correa e Pedro Colli com tema *Vivemos uma fase maníaca (do mundo)?* No episódio, os psicanalistas comentam sobre o filme *Barbie*, dirigido por Greta Gerwig e, através dos exageros envolvidos tanto na produção do filme quanto na repercussão e ostentação pela marca *Barbie*, discutem se a sociedade atual estaria vivendo uma fase maníaca. Essas reflexões trazidas no episódio, me fizeram lembrar de uma analisanda¹ que atendi durante três meses e meio. Por isso, achei interessante desenvolver neste trabalho um pouco sobre minhas reflexões e o motivo pelo qual as ideias do podcast me remeterem a ela.

O que propõe o Podcast?

De maneira resumida, o podcast reflete sobre o surgimento da boneca Barbie e relembra em qual momento histórico essa boneca foi criada: no período pós-guerra, ou seja, momento de luto e reconstrução. É lembrado também que foi em um período pós-guerra, 1917, que Freud escreveu *Luto e Melancolia* onde discorria sobre suas pesquisas sobre como se desenvolvem nas pessoas o luto e como este luto mal elaborado poderia se transformar em melancolia, estado mais próximo ao que nomeamos hoje como depressão. A melancolia seria baseada na ambivalência, na dualidade de sentimentos a partir do luto ocorrido. Quanto mais ambivalência, mais próxima estaria a pessoa da melancolia, atrapalhando assim sua capacidade de elaborar esse luto. O luto seria uma

¹ Para garantir o sigilo da analisanda informações sobre ela foram modificadas para publicação.

fase de tristeza profunda trazida pela perda do objeto, em que o sujeito deixa de investir em si para vivenciar sua perda, investindo mais no objeto perdido, porém, aos poucos, começaria a desinvestir energia no objeto e voltaria a investir em si e em outros objetos.

Foi explicado pelos psicanalistas no episódio, baseados nos estudos de Freud, que há uma forma de lidar com a dor que convoca defesas maníacas e, no filme *Barbie*, ela apareceria nos exageros ligados a produção do filme como o excesso de cores, felicidade constante e vida perfeita vivenciada pelas bonecas na Barbilândia, em contraste com os conflitos que a personagem começa a apresentar durante o filme. Os psicanalistas comentam que, na sociedade, essas defesas maníacas apresentadas pela cultura, principalmente através das mídias e redes sociais, podem nos levar a não enxergar, não perceber e, portanto, não vivenciar uma real discussão e percepção do luto pelas nossas perdas. Portanto, se perguntam: estariam o entretenimento e as redes sociais colaborando ou até mesmo promovendo em alguma instância uma “cortina de fumaça”, um disfarce, frente aos problemas sociais?

O que é Mania?

A mania seria uma defesa mais eufórica que pode aparecer em situações comuns, ou seja, que todos nós temos como forma de lidar com a angústia, mas também pode aparecer dentro do luto onde, por certo espaço de tempo, o sujeito conseguiria resgatar uma proximidade com o seu ideal de eu, tendo a impressão efêmera de que finalmente alcançou este ideal, levando a uma sensação de onipotência. Na mania patológica, o conflito existente estaria entre ego e superego, portanto, “vencer” esse superego torna-se muito empolgante para o sujeito. Seria uma homeostase, um respiro para a continuidade do sujeito que elaborou mal o seu luto chegando assim à melancolia. São justamente essas fases de euforia desequilibradas com as fases de investimento intenso no objeto perdido, de ambivalência portanto, que colaboram para a melancolia. No podcast, como exemplo de defesa maníaca simples, não patológica, o psicanalista Pedro Colli cita as pessoas que durante um velório contam piadas, e eu acrescento aos exemplos pessoas que sob pressão ou em situações vergonhosas apresentam crises de riso. Claro, o humor, segundo Freud, é uma boa maneira de lidar com nossas dores, principalmente quando ele aponta para elas de maneira astuta, reconhecendo limites e fragilidades, recheado de afeto. A mania, porém, nem sempre tem tanta elaboração ou até mesmo nega essas fragilidades. Ela foca no triunfo narcísico onde a elaboração do luto não encontra lugar.

O desequilíbrio patológico entre mania e melancolia foi nomeado inicialmente como psicose maníaco-depressiva, nome que ilustra bem esse desequilíbrio, entre euforia e tristeza profunda, mas atualmente o conhecemos como bipolaridade. Para a psicanálise, poderíamos pensar, portanto, que esse estágio eufórico pertence à melancolia descrita e trabalhada em *Luto e Melancolia* por Freud em 1917.

E a cortina de fumaça?

O entretenimento pode ser entendido de muitas formas diferentes. Podemos dizer que a arte é um entretenimento e podemos chamar de entretenimento qualquer outra coisa que nos chame a atenção, que nos distraia, sendo ou não de qualidade, apenas por distrair. A proposta do podcast foi refletir sobre o entretenimento como possível distração para elaborações mais profundas existentes no cotidiano, principalmente a respeito das nossas próprias dores, gerando momentos eufóricos, maníacos. Isso me fez pensar nas seguintes questões: se isso realmente acontece, a quem serviria esse disfarce? Por que ele existe e, se existe, quem o elabora? Sob qual propósito? Por que existiriam pessoas interessadas em nos distrair de nossas dores ou de enxergar de onde elas vêm? Até seria mais fácil entender esse disfarce feito pelo próprio sujeito, como um mecanismo de defesa, um processo inconsciente, mas, se não o próprio sujeito, agentes externos o promoveriam? Foi pensando nessas reflexões que cheguei ao livro *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* organizado por Vladimir Safatle, Nelson da Silva Júnior e Christian Dunker.

Neoliberalismo para a economia e para a psicanálise

O neoliberalismo é uma proposta econômica vigente desde a metade do século XX e que edita o liberalismo clássico intensificando algumas de suas propostas. De maneira bastante resumida e, porque não dizer, simplória, podemos dizer que o neoliberalismo propõe a retomada do estado mínimo, a auto-regulação da economia e o fim de um suposto bem-estar social. Em 1929, a queda da bolsa de Nova Iorque demonstrou um momento de crise do liberalismo clássico: a auto-regulação de mercado não funcionou como esperado, o que levou à depressão econômica. A necessidade de restabelecer a economia fez com que políticos e especialistas analisassem os modelos econômicos experimentados até então. O modelo de liberalismo keynesiano, que propunha, após 1929, uma participação regulatória do estado frente a economia, a diminuição das horas de trabalho e um mínimo de bem-estar social para promover o consumo e, portanto, a

circulação do capital, também já não parecia tão atrativo como fora anteriormente. A partir dos anos 1930, até o fim da guerra fria, esse modelo foi utilizado por alguns países, mas, com o tempo, foi percebido que para que o consumo acontecesse, a falta, a necessidade de algo não alcançável, seria muito mais potente para essa circulação de capital, intensificando a lei de oferta e demanda.

O neoliberalismo surgiu como essa nova forma de produzir o estado-mínimo, mas, mais do que o não comprometimento com o bem-estar social estaria a promoção da angústia social. O governo de Ronald Reagan, nos anos 1970, nos EUA, foi todo direcionado pelas ideias de Milton Friedman que defendia que uma certa taxa de desemprego seria salutar à economia, assim como o fim de direitos e auxílios trabalhistas. A oferta e demanda também deveriam ser aplicadas às vagas e oportunidades de emprego. Portanto, o neoliberalismo vai gerir o sofrimento de forma a promover um novo medo e uma nova moralidade ligadas ao mercado de trabalho. Afinal, se fôssemos totalmente livres e responsáveis por nossa economia de maneira individual, seria nossa culpa não atingir nossos ideais econômicos, nossa culpa nos envolver em dívidas ou estar desempregado, por exemplo. A desobrigação econômica do estado garante assim que as revoluções políticas que enxergam nele um inimigo declarado, um responsável pela má administração das finanças e pelo mal-estar social sejam minimizadas, voltando essa responsabilidade para o indivíduo.

A devoção individual à empresa, ao trabalho, viram necessidades tão grandes que atingem uma nova moralidade e só está realmente feliz aquele que está totalmente vinculado a ela. Já aqueles que não performam - tanto no sentido da demonstração quanto no sentido da produtividade - a favor do capital, do trabalho, são os que sofrem, os que voltam ao estágio depressivo, termo utilizado inicialmente para definir a economia em declínio, mas que agora utilizamos para definir o sujeito em sofrimento. Há uma inadequação que atinge a cultura e o psíquico.

Portanto, o neoliberalismo dá força ao afastamento das responsabilidades políticas do Estado frente à política e desunião da população que acredita que sua performance pessoal suprirá todas as suas necessidades, colaborando assim para essa individualização sem críticas, mais alienada.

O caso clínico

Me perguntei porque me lembrei da analisanda enquanto ouvia o podcast que refletia sobre defesas maníacas e também ao ler o livro *Neoliberalismo e gestão do sofrimento*. Para tal, contarei aqui brevemente um pouco do caso.

A analisanda tinha muitos problemas com a família e com o trabalho. Esses temas eram os tópicos centrais de sua análise. Tinha 36 anos, tendo nascido e crescido no Piauí. O pai, já falecido, trabalhava na área da saúde, deixou a primeira família para assumir um relacionamento com sua mãe, era alcoolista, tinha momentos de sumiço da família, porém, era bastante dedicado ao trabalho e ganhava relativamente bem. Apesar disso, segundo a analisanda, era profundamente infeliz na profissão. A analisanda, desde muito pequena, sentia certa culpa pelo pai ter deixado os irmãos, filhos do primeiro casamento, para estar mais presente com ela e com o irmão mais novo, já que essa era uma queixa constante do pai: a necessidade de excesso de trabalho para sustentar quatro filhos. A morte do pai foi um baque para ela, sua mãe e irmão. A mãe, nunca lidou com esse luto e teve expressiva piora de saúde ao longo dos anos, se automedicando frequentemente com antidepressivos. Com o tempo, desenvolveu alzheimer e foi morar com a filha que, já adulta, mudou-se para o Sudeste. Enquanto estava na casa da analisanda, a mãe parou de se automedicar, arrumou um namorado e passou a se alimentar melhor devido à dedicação e ajuda da analisanda. Buscando apoiar a mãe, a analisanda se dedicou bastante ao trabalho como professora de meditação, pagando a maioria das contas da casa e cuidando muito de seu bem estar. Depois de um tempo, a analisanda soube que o namorado da mãe era um homem casado, pegava dinheiro de sua mãe e a encontrava presencialmente no auge da pandemia. Por esses motivos, os filhos decidiram que ela deveria passar uma temporada na casa do filho, que já adulto mudou-se para Brasília. A mudança da mãe, inicialmente temporária, tornou-se definitiva e foi bastante difícil para a analisanda que sempre se sentiu responsável por ela, apesar de, ao mesmo tempo, promover alívio pela diminuição dessa responsabilidade.

Ainda durante a primeira infância, sofreu abusos sexuais da parte de um primo cinco anos mais velho. Num primeiro momento, o primo prometia a ela que, caso não contasse a ninguém o ocorrido, a ajudaria a ser melhor aceita no grupo de primos, onde ela era a única menina e, por isso, algumas vezes impedida de brincar. O primo continuou abusando dela por um tempo e quando percebeu que ela, já um pouco maior e incomodada com a situação, não acreditava em suas promessas - no pertencimento do grupo - começou a ofertar novos atrativos para justificar os abusos, dando de presente coisas que ela gostava, como pôsteres, papéis de carta e pequenos brinquedos para distraí-la. Essas trocas funcionaram por um tempo até os presentes não mais fazerem sentido e a analisanda contar para a mãe o ocorrido. A mãe a afastou dessa parte da família,

mas não cortou relações. O final do abuso, na verdade, nunca ficou muito claro nas sessões, mas aparentemente duraram por alguns anos.

Em relação ao trabalho, a analisanda comentava que, em determinado momento, estava muito cansada de ministrar tantas horas de aula por dia e, para trabalhar menos e alcançar maior número de pessoas conhecendo seu trabalho, resolveu empreender na internet. Diminuiu o número de aulas e desenvolveu um método próprio de controle de ansiedade a partir das técnicas da meditação e tantas outras estudadas por ela. Vendia o passo a passo desse método nas redes sociais em um pacote de aulas. Viu a quantidade de visualizações de seu perfil crescer depois que contratou uma mentoria de negócios que ensinava a ela técnicas para conseguir melhor alcance e engajamento. Com essa mentoria, fez dívidas altas e, como ela tinha tempo para expirar, estava constantemente preocupada em como faria sua renovação, já que apesar de conseguir mais visualizações e comentários no seu perfil nas redes, poucas pessoas compravam seus pacotes de aula. Portanto, a analisanda estava cada vez mais endividada e cada vez mais preocupada em como faria novas dívidas para pagar as já existentes.

Em uma das sessões, perguntei a ela se era apenas a preocupação com as vendas que a fazia querer participar da mentoria de negócios e ela respondeu que não. A mentoria também lhe proporcionava estar em contato com outras pessoas - clientes da mentoria - pessoas que também buscavam crescer financeiramente vendendo seus produtos nas redes sociais. Comentou que via pouca necessidade de interagir com pessoas que não fossem desse meio, afinal, era onde se sentia pertencente. Lamentava ter que interagir com os amigos do namorado, por exemplo, por mais que percebesse a importância e a demonstração de afeto que isso representava para ele. Tinha muita preguiça e até desgosto em fazê-lo, pois isso lhe dava a sensação de perda de tempo, por mais que gostasse muito dele.

As perdas de tempo e performances impecáveis eram preocupações constantes dela. Orgulhava-se muito de ter um corpo e saúde perfeitos e sofria muito se não pudesse dormir exatas 8h por dia, comer orgânicos, ir à academia ou meditar. Deixou de beber álcool, comer industrializados, carne vermelha e fumar. Acreditava profundamente na importância do método criado por ela para o controle da ansiedade. Dizia frases como “sei da importância do meu trabalho para o mundo”, “todos deveriam ter o direito e acesso a técnicas como essa”, “sempre soube que eu estava destinada a coisas grandiosas”, “tenho em mim um fome, uma voracidade em trabalhar e alcançar mais do que essa vida comum”. Essas frases entravam em contraste com outras como “por mais que me esforce, o dinheiro não vem”, “não consigo descansar”, “deposito toda a minha

energia no trabalho e as pessoas não se comprometem como eu”, “meu trabalho é muito importante para mim, mas acaba comigo, me traz angústia”.

Um dia, recebeu uma ligação de uma moça que, anteriormente, buscou comprar seu pacote de aulas para controle da ansiedade, mas que por questões financeiras, precisou desistir da compra. A moça tinha seu número de telefone pessoal por conta da quase compra do pacote. Na ligação, a mulher apresentava uma crise de ansiedade forte, lembrou-se dela e ligou para obter ajuda. A analisanda conseguiu ajudá-la a se acalmar e a chamada de vídeo terminou com a promessa da mulher em, assim que possível, comprar o pacote de aulas vendido pela analisanda. Essa experiência confirmou para ela a importância de seu trabalho. Ela aproximou-se do ideal de eu que tanto queria, apresentando grande euforia. Esse é um exemplo de episódio maníaco da analisanda, além das frases descritas acima que mostravam a presença desta ambivalência. Ela oscilava entre falas e afirmações grandiosas sobre si e seu trabalho, sobre a certeza de ser correta, ter desenvolvido um método interessante, ser boa filha e trabalhar de maneira dedicada e não vender pacote de aula nenhum, não conseguir cuidar da mãe, não ser boa namorada, não fazer diariamente todas as exigências que se propunha para uma vida saudável.

Apesar dessa ambivalência, não acredito que a analisanda seja bipolar, ou melancólica, lembrando que tivemos pouco tempo para qualquer possível diagnóstico. Acredito que seus episódios maníacos eram homeostases para aliviar seus sintomas e lhes atribuo possíveis fatores. Alguns deles são: à ida da mãe para casa do irmão, ou seja, por não ter conseguido ser a filha idealizada por ela mesma; por ter investido tanto na melhoria e felicidade da mãe com alzheimer e esses investimentos terem sido insuficientes para afastar a mãe de problemas com o namorado abusivo; ao abuso sexual vivido por ela na infância.

Os motivos pelos quais me lembrei da analisanda, como comentado anteriormente, são os momentos de possível defesa maníaca que ela apresentava frente aos medos e dificuldades vinculados a esse ideal de eu e a crença que esse ideal viria apenas através de sua performance perfeita no trabalho, sendo recompensada com dinheiro, fama e pertencimento. O pertencimento a um grupo através de grande esforço físico e mental recompensado com bens materiais foi vivenciado também na infância, enquanto sofria os abusos do primo. Se submeter a situações abusivas trariam a ela a crença em uma recompensa, por mais que sofresse muito com isso.

Outro ponto é que, de certa forma, a relação de abuso que o primo a submetia lembra um pouco esse modelo neoliberal. O primo, de alguma forma, soube gerenciar ao longo dos anos quais eram as suas faltas e desejos e, a partir dessa percepção, oferecer a ela o que lhe faltava dentro de sua lógica infantil, para conseguir assim o que lhe interessava. É interessante pensar como essas

ideias foram concebidas por uma criança/adolescente - não defendendo um tipo de pureza infantil - mas para refletirmos sobre como o sujeito imerso em uma cultura que gera o sofrimento deliberadamente, acaba por ensinar as pessoas uma lógica que também é abusiva, que tira vantagem da possível demanda do outro.

Após três meses e meio, a analisanda deixou a análise por questões financeiras. Segundo ela, precisava de cada vez mais tempo e dinheiro para investir em seu negócio, possivelmente investindo em seu sintoma. Renovou a mentoria de negócios com a ajuda de uma amiga, nova sócia e, com isso aumentou a sua dívida, mas tendo a certeza de que o sucesso dependia unicamente da sua dedicação e, dessa vez, teria melhores resultados. Neste caso, a relação abusiva neoliberal que está na cultura e os abusos aos quais foi submetida na infância contribuíram para um comprometimento recheado de sintomas físicos, exaustão, crises de insônia, arrependimentos, repetições e tantos outros sintomas que eram defendidos com episódios maníacos para que se justificasse tanto investimento. A análise, infelizmente, não continuou tempo suficiente para que trabalhássemos sua possível mudança de posição subjetiva. Ressaltando que, caso essas hipóteses estejam realmente corretas, provavelmente os acontecimentos vivenciados por ela foram ligados a desejos e sentidos da infância e/ou adolescência, mas isso não a condena na fase adulta. Essa percepção poderia auxiliá-la a enxergar possibilidades de investimento libidinal diversas e mais equilibradas com aquilo que ela deseja.

Referências

Lá fora: coisas do mundo atual pelo olhar da psicanálise. Locução, organização e roteiro de Marielle Kellermann, Vanessa Correa e Pedro Colli. São Paulo: 2023. Podcast.

SAFATLE, Vladimir, SILVA JUNIOR, Nelson, & DUNKER, Christian (org). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia* In: *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916); tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.